

## Sindicalismo – a luta do nosso tempo

### Ao XXIII Congresso Nacional da Juventude Socialista

Na atualidade verifica-se uma forte erosão dos poderes dos sindicatos, processo associado a diversos fatores: a globalização, a diminuição do peso da indústria no primeiro mundo, a imigração, a quebra dos empregos na função pública, entre outros. No entanto, esta erosão não é apenas fruto de fatores exógenos, também é, em parte, responsabilidade dos próprios sindicatos: a excessiva burocratização e a tentativa de fazer política partidária são também fatores de destruição destes movimentos.

E essa destruição está à vista de todos: a taxa de sindicalização dos trabalhadores portugueses caiu de 60,8%, em 1978, para 15,3%, em 2016. Esta realidade, infelizmente, não é apenas portuguesa: nos países da OCDE, caiu de 34%, em 1978, para 16% em 2016. Esta falta de poder dos sindicatos tem, obviamente consequências. Quem acha, como muitos acham, que matar os sindicatos matava a luta dos trabalhadores, não compreende os fenómenos sociais. A luta dos trabalhadores continuará a existir, mas por outros meios. Já estamos a assistir atualmente a essa transformação, quando temos ordens e partidos a fazer política sindical ou, com o nascimento dos movimentos inorgânicos, dos quais não sabemos as verdadeiras motivações e cujo objetivo não é negociar, é criar o caos (quem acha que é difícil negociar com a FENPROF, que tente negociar com o Movimento Zero).

Quem, por outro lado, acha que a morte dos sindicatos se deve à falta de trabalhadores para ser representados, também vive num mundo de fantasia. A elevada taxa de desemprego jovem e os trabalhos absolutamente precários, como os ligados às empresas de transporte como a UBER, que são a versão moderna do trabalho à jorna que acontecia nos campos do Alentejo no Antigo Regime, vem provar o contrário. Apesar de todas as evoluções que existiram, o tipo de trabalhadores mudou, mas a luta continua a mesma.

E estas consequências não são simplesmente institucionais: a descredibilização dos sindicatos e, conseqüentemente, a diminuição de trabalhadores sindicalizados tem consequências nos direitos dos próprios trabalhadores. De acordo com a OCDE, os sistemas de contratação coletiva assegurados pelos sindicatos estão associados a mais e melhor emprego, melhor integração dos grupos vulneráveis e menor desigualdade.

Temos de fazer a nossa parte. Enquanto ao presidente do partido da oposição não o incomoda que um jovem qualificado ganhe 800 euros no primeiro emprego, a nós



incomoda. E é por nos incomodar que redijo esta moção. Só garantindo verdadeiras políticas de proteção laboral e batendo-nos pela melhoria das condições de trabalho, podemos ganhar e recuperar o voto da nossa geração.

Está nas nossas mãos!

**A Juventude Socialista Propões,**

Promover a integração dos jovens trabalhadores nos sindicatos, através de campanhas publicitárias que mostrem as vantagens de estar inscrito num sindicato.  
Combater no espaço público a discriminação face a trabalhadores sindicalizados.  
Promover a investigação de patrões que coajam os funcionários a não se sindicalizar.  
Atribuir mais poder aos sindicatos, para equilibrar a balança com os patrões.

***Braga, 17 de dezembro de 2022***